

**Alfabetização de crianças com dislexia: algumas reflexões
a respeito dos vídeos que circulam no canal YouTube
destinados aos docentes**

**Literacy for children with dyslexia: some thoughts
about the videos that circulate on the YouTube channel
for teachers**

**La alfabetización de niños con dislexia: algunas reflexiones
sobre los videos que circulan en el canal de YouTube
destinado a los docentes**

Ana Claudia da Silva Rutzen

Universidade Regional de Blumenau (Furb), Blumenau/SC – Brasil

Cleide dos Santos Pereira Solpesa

Universidade Regional de Blumenau (Furb), Blumenau/SC – Brasil

Rita Buzzi Rausch

Universidade Regional de Blumenau (Furb), Blumenau/SC – Brasil

Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville/SC – Brasil

Resumo

A alfabetização de crianças com dislexia tem se apresentado como um desafio aos professores. Na busca por informações, os docentes têm encontrado nos canais do YouTube, vídeos sobre o tema. Diante disso, este artigo, de caráter qualitativo, teve como objetivo geral desvelar as características dos vídeos sobre alfabetização para crianças com dislexia veiculados no YouTube, destinados ao público docente. O estudo se fundamenta na teoria histórico-cultural e em estudos do campo da formação de professores e da alfabetização. A pesquisa se caracteriza como documental. Os documentos analisados foram os dez vídeos do YouTube mais visualizados no período de 2010 a 2020. A análise dos dados aponta que os conteúdos são apresentados de modo superficial, o que pode levar à dificuldades no processo de alfabetização. É fundamental que o professor tenha clareza da intencionalidade das propostas que desenvolve, para que possa avaliar de forma criteriosa e crítica os materiais que seleciona para a sua ação pedagógica.

Palavras-chave: Formação de professores, Alfabetização, Dislexia, Vídeos, YouTube

Abstract

The literacy of children with dyslexia has been a challenge for teachers. In the search for information, teachers have found videos on the topic on YouTube channels. This article is qualitative nature one and aims to characterize the contents about literacy for children with dyslexia broadcasted in videos on the YouTube, aimed at teaching audiences. The study is based on the cultural-historical theory and on studies about teacher training and literacy theoretically based on Vigotski (1998; 1999), Smolka (1999), Mortatti (2000), Soares (2006; 2016), Kleiman (2005), and Vaillant & Marcelo (2012). This research is a

documental one. The documents analyzed were the ten most viewed YouTube videos from 2010 to 2020. The data were analyzed, enabling the following interpretations: These contents are presented in a superficial and, in some cases, wrong way, which can lead to difficulties in the literacy process. It is essential that the teacher has clarity of the intention of their actions, so that they can carefully and critically evaluate the materials they select for their pedagogical action.

Keywords: Teacher training, Literacy, Dyslexia, *YouTube* videos

Resumen

La alfabetización de niños con dislexia ha sido un desafío para los docentes. En la búsqueda de información, los educadores han encontrado vídeos sobre el tema en los canales de YouTube. Este artículo, de carácter cualitativo, propone como objetivo general identificar las características de los vídeos sobre alfabetización de niños con dislexia publicados en el canal YouTube. El estudio se fundamenta en la teoría histórico-cultural y en estudios relacionados a la formación de educadores y de la alfabetización. La investigación, de carácter cualitativo, es documental ya que fueron analizados los diez videos de YouTube más vistos en el período de 2010 a 2020. El análisis de los datos de dichos videos evidencia que los contenidos fueron tratados superficialmente, lo que puede generar dificultades en el proceso de alfabetización. Es fundamental que el educador tenga clara la intencionalidad de las propuestas que desarrolla, para que pueda evaluar de forma cuidadosa y crítica los materiales que selecciona para su acción pedagógica.

Palabras clave: Formación docente, alfabetización, dislexia, videos, YouTube

1 Introdução

Este artigo aborda a alfabetização de crianças com dislexia. O objetivo é desvelar as características dos vídeos sobre alfabetização de crianças com dislexia, veiculados no canal YouTube e destinados ao público docente, no período entre 2010 e 2020.

De acordo com a Declaração de Salamanca, da qual o Brasil é signatário, “[...] toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas [...]” (BRASIL, 1994, p. 1). Portanto, todas têm direito ao acesso, permanência e aprendizagem escolar e, dentre as principais aprendizagens, está a apropriação da linguagem escrita, por meio da alfabetização.

Ao aprender a ler e escrever, as crianças também ampliam sua leitura do mundo, uma vez que vivem em uma sociedade grafocêntrica, que funciona em torno da escrita. Além disso, a apropriação da linguagem escrita provoca o

desenvolvimento do pensamento. Nessa direção, em uma perspectiva de educação inclusiva, todas as crianças precisam ter assegurado o direito de se alfabetizar, inclusive aquelas com **dislexia**.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2016b), a dislexia é considerada “um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica. Pessoas com dislexia apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relacionados à leitura”. Ainda segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2016a), “o disléxico tem dificuldade para associar o símbolo gráfico, as letras, com o som que elas representam, e organizá-los, mentalmente, numa sequência temporal”. Uma criança com dislexia, que não tiver acompanhamento adequado na alfabetização, pode ter uma sensação de fracasso escolar, sentindo-se inferior aos seus colegas ou que não tem condições para aprender.

Ao se depararem com crianças que apresentam essas características nas salas de aula de alfabetização, muitos professores não sabem como proceder, buscando informações na Internet. Com base nessas considerações iniciais, nesta pesquisa, definimos como objeto a alfabetização de crianças com dislexia e como esse tema é abordado em vídeos da rede social YouTube, direcionados ao público docente.

O YouTube é, cada vez mais, uma ferramenta usada pelos docentes, por proporcionar acesso às informações de forma ágil. Porém, é necessário analisar que tipo de conteúdo circula nesse meio, e, se de fato, contribui para que os professores possam planejar e desenvolver atividades de forma adequada e coerente com as necessidades da criança com dislexia. Diante do exposto, a questão problema desta pesquisa é: Como se caracterizam os vídeos sobre a alfabetização para crianças com dislexia que circulam no canal YouTube?

Com este trabalho, esperamos contribuir para a a reflexão a respeito da questão da alfabetização de crianças com dislexia e o modo como os professores têm buscado, por meio de estudos informais, respostas para suas perguntas e caminhos para a realização do trabalho.

A pesquisa se fundamenta teoricamente em Vigotski (1998; 1999), para a compreensão do processo de formação humana; Smolka (1999), Mortatti (2000), Soares (2006) e Kleiman (2005), sobre a alfabetização; Vaillant e Marcelo (2012) e Gohn (2006), a respeito da formação de professores. Também buscamos

fundamentos em Oliveira (2016), sobre a alfabetização de crianças com dislexia e Marangoni (2020), para entender a leitura de textos audiovisuais, disponíveis no YouTube.

2 Alfabetização de crianças com dislexia: um desafio para a ação pedagógica

Alfabetização “é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto”, e “alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever” (SOARES, 2006, p. 31). Essa compreensão passou por diversas mudanças ao longo da história do nosso país. Nesse percurso, buscou-se passar de uma concepção restrita, vinculada aos métodos, para um entendimento mais aprofundado e abrangente, que possibilite compreender como acontece o processo de apropriação da linguagem escrita por parte da criança (VIGOTSKI, 1998; 1999; SMOLKA, 1999).

A alfabetização, compreendida de forma restrita, do ponto de vista dos métodos de ensino, desconsidera a atividade mental da criança. Os aspectos motores são priorizados, com ênfase à repetição, à cópia, à memorização sem sentido. De acordo com Mortatti (2000), nessa perspectiva, a ênfase está nos aspectos mecânicos e funcionais da língua. São priorizadas as habilidades de codificação e decodificação dos símbolos gráficos, o que restringe o ensino escolar e dificulta o entendimento, por parte das crianças, da língua escrita como objeto cultural. Nessa perspectiva, aprender a ler e escrever é entendido como uma técnica, em que os processos de codificação e decodificação são enfatizados.

Ao ser entendida de forma mais abrangente e aprofundada, a alfabetização é concebida como um processo complexo, que envolve diferentes facetas (SOARES, 2016) e que exige conhecimentos específicos por parte do alfabetizador. Neste estudo, vamos nos referir às facetas como dimensões do processo de alfabetização que precisam ser trabalhadas de forma articulada ao contexto no decorrer do processo de alfabetização

A atuação do professor na alfabetização é imprescindível no processo de apropriação da linguagem escrita pela criança. De acordo com Vigotski (1999, p. 118):

O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia; deve voltar-se não

tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento.

Desse ensinamento de Vigotski, entende-se que o modo como a prática pedagógica acontece tem papel fundamental na aprendizagem das crianças em processo de alfabetização. As interações no contexto da sala de aula influenciam, decisivamente, nas condições para a aprendizagem da leitura e da escrita. Nessa perspectiva, entende-se que os indivíduos, em decorrência de suas experiências anteriores e de suas características pessoais, aprendem e se desenvolvem de modos diferentes. De acordo com Smolka (1999, p. 10),

[...] num processo que tem caráter mais de revolução que de evolução, o sujeito se faz como ser diferenciado do outro, mas formado na relação com o outro; singular, mas constituído socialmente e, por isso mesmo, numa composição individual, mas não homogênea.

Porém, a criança com dislexia apresenta características ainda mais específicas no aprendizado, tanto da leitura quanto da escrita. Esses estudantes, geralmente, demandam um tempo maior para a aprendizagem e uma atuação mais direcionada dos professores, até se tornarem leitores e escritores proficientes. O modo como esse processo acontece em sala de aula decorre dos conhecimentos que os professores possuem a respeito da alfabetização e sobre a alfabetização de crianças com dislexia.

2.1 A busca por possibilidades para a alfabetização de crianças com dislexia

A Associação Internacional de Dislexia (IDA, 2002) conceitua dislexia como “uma deficiência de aprendizagem específica de origem neurobiológica”.

Crianças com dislexia a apresentam:

[...] dificuldades com o reconhecimento preciso e/ou fluente de palavras [...] e habilidades de decodificação. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem que muitas vezes é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas e ao fornecimento de instrução em sala de aula eficaz. As consequências secundárias podem incluir problemas de compreensão da leitura e experiência de leitura reduzida, o que pode impedir o crescimento do vocabulário e do conhecimento prévio. (IDA, 2002)

Nesse mesmo sentido, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2016b) define dislexia como “um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica” e aponta que o indivíduo disléxico apresenta um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relacionados à leitura.

Desse modo, a pessoa com dislexia apresenta dificuldade na associação da simbologia gráfica das letras com a fonética que representam e como as organizar, de forma mental, numa sequência temporal.

Confirmando a IDA e o Ministério da Saúde, Farrell (2008, p. 32) ressalta que as pessoas disléxicas apresentam “dificuldades fonológicas, dificuldade de processamento da informação, memória e coordenação, dificuldades organizacionais, problemas de sequencialização e orientação, dificuldades visuais e de processamento auditivo”. Desse modo, a ideia hegemônica que tem prevalecido com relação à dislexia é de que se trata de um distúrbio neurobiológico, que afeta os processamentos cognitivos responsáveis pela leitura e pela escrita. Com base nesse entendimento, a recomendação que os especialistas têm realizado é o emprego de treinos fonológicos e a ênfase no desenvolvimento de atividades repetitivas e sistemáticas.

Diante disso, a pesquisa de Oliveira (2016) analisou a produção acadêmica de teses e dissertações, desenvolvidas durante o período de 2002 a 2014, com o propósito de compreender a maneira como a concepção de dislexia vem sendo desenvolvida e quais as suas implicações para a educação escolar. De acordo com a autora:

Os tipos de estudo, as metodologias e a concepção de dislexia assumida pela grande maioria das pesquisas (mais de 80%) compreenderam e validaram o entendimento de que a aprendizagem da linguagem escrita depende dos processos neurobiológicos, os quais são requeridos durante o aprendizado devido ao emprego de procedimentos mecânicos, repetitivos e sistemáticos. (OLIVEIRA, 2016, p. 9)

Por outro lado, a mesma pesquisa aponta que essa hegemonia vem sendo questionada por pesquisadores que compreendem que a aprendizagem da linguagem escrita diz respeito a um processo histórico e cultural, cujo objeto de conhecimento precisa ser conhecido pelo indivíduo, para que possa dele se apropriar. Nessa perspectiva, os **erros** cometidos pela criança são pistas para que o professor possa entender o modo como o estudante pensa a leitura e a escrita e realizar mediações para que a alfabetização aconteça.

A pesquisa indica, ainda, que há, por parte das escolas e dos professores, uma busca por uma explicação clínica para as especificidades na alfabetização, apresentadas por crianças com dislexia. De acordo com a autora, a “análise empreendida também apontou para uma busca incessante pela causa e pela

localização do déficit, tentando justificar as questões que podem estar por trás dessas dificuldades como um defeito ou uma malformação biológica” (OLIVEIRA, 2016, p. 200).

Ao analisar as recomendações de pesquisadores para o atendimento de crianças consideradas disléxicas, a pesquisadora (2016) adverte sobre a necessidade de se garantirem os processos de inclusão escolar, buscando a aprendizagem de todos os estudantes.

A inclusão das crianças com transtornos de aprendizagem, como dislexia, consta na Lei nº 10.172/2001 do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001). A Lei apresenta que “[...] o grande avanço que a década da educação deverá produzir será a construção de uma escola inclusiva, que garanta o atendimento à diversidade humana” (BRASIL, 2001, p. 1). No entanto, o caminho para a inclusão passa, especialmente, pelo trabalho do professor.

Na sala de aula, o professor está diante de um grupo heterogêneo de crianças, que apresenta diferenças em relação aos conhecimentos que possuem sobre a leitura e a escrita. Essa característica das turmas de alfabetização se constitui como um dos principais desafios para a ação pedagógica. Reconhecer a heterogeneidade na sala de aula significa compreender que os educandos são indivíduos diferentes, com experiências e vivências distintas. Diante disso, promover processos interativos, que possibilitem a aprendizagem de todas as crianças do grupo, torna-se um desafio bastante complexo, que exige conhecimentos específicos por parte do docente.

Desse modo, compreendemos que a formação dos professores que atuam na alfabetização precisa considerar a complexidade e especificidade desse processo. Quando se trata de turmas de alfabetização com crianças com distúrbios, como a dislexia, essa complexidade se torna ainda maior, devido às peculiaridades desses estudantes exigirem do professor conhecimentos mais aprofundados, que possibilitem o planejamento de propostas e possibilidades de interação e promovam a aprendizagem dessas crianças, assim como das demais. Explicita-se, portanto, que a alfabetização de crianças com dislexia tem se apresentado como um desafio para a ação pedagógica.

Diante desse desafio, os docentes buscam possibilidades para a alfabetização de crianças com dislexia, por meio de processos formais e informais. A formação de professores tem sido entendida na perspectiva do

desenvolvimento profissional docente. Vaillant e Marcelo (2012, p. 168) explicam que esse é um “[...] processo que pode ser individual ou coletivo e que opera através de experiências de diversos tipos, tanto formais como informais, contextualizadas na escola”.

A respeito dos processos informais, Gohn (2006) diz que esse tipo de educação se refere à socialização com a família, o bairro, os amigos, a rua etc. Atua no campo das emoções e sentimentos e se caracteriza como uma aprendizagem por meio de vivências individuais e coletivas nos contextos sociais.

Entendemos que a busca por materiais na Internet, incluindo vídeos do YouTube, é um modo de educação informal. O fato de vivermos em uma sociedade, na qual as tecnologias da informação e da comunicação assumem um papel fundamental como ferramentas possibilitadoras de espaços de interação e compartilhamento de dados, amplia as possibilidades de acesso às informações e a autonomia do professor nessa busca.

3. Procedimentos metodológicos

A pesquisa é de natureza qualitativa e se caracteriza como documental. De acordo com Gil (2002), a pesquisa documental recorre a fontes diversificadas, dispersas e sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, entre outros. Desse modo, entendemos que os vídeos do canal YouTube, por estarem disponíveis na Internet, podem ser considerados fontes documentais.

O YouTube é uma mídia social da cultura popular contemporânea, com uma diversidade de conteúdos que inclui desde canais de televisão, empresas esportivas e grandes anunciantes, até pequenas e médias empresas em busca de meios de distribuição mais baratos ou de alternativas aos sistemas de veiculação em massa, instituições culturais, artistas, ativistas, fãs letrados de mídia, leigos e produtores amadores de conteúdo (BURGESS; GREEN, 2009).

Constitui-se em um local de compartilhamento de vídeos, que podem ser publicados e acessados por qualquer usuário. O acesso é livre, portanto, qualquer pessoa pode produzir e consumir informações. Entre os materiais disponibilizados, o YouTube carrega e compartilha conteúdos audiovisuais.

Portanto, pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, por se tratar de uma plataforma de fácil acesso, diversidade de conteúdos e pouco formalismo (OLIVEIRA, 2016).

Neste estudo, para a geração de dados, foi usado, no campo de pesquisa do YouTube, o descritor 'alfabetização de crianças com dislexia'. O período delimitado foi 2010 a 2020. Em seguida, foram aplicados os seguintes filtros: i) tipo de vídeos e ii) ordenar por contagem de visualizações. Foram selecionados para análise os dez vídeos mais visualizados.

Os critérios estabelecidos para a seleção dos vídeos foram: i) ter como objetivo a alfabetização; ii) ser apresentado em língua portuguesa; iii) e ser destinado para professores. Os critérios de exclusão foram: i) não corresponder à questão/tema da pesquisa; vídeos gravados em *lives*/fóruns/congressos; ii) vídeos com foco na educação infantil; iii) e vídeos incompletos.

Após a seleção, de acordo com os critérios de inclusão, os vídeos foram salvos em um único dia, pois, a cada acesso, poderia haver novas postagens. Após esse processo inicial, cada vídeo foi assistido novamente de forma muito cuidadosa, a partir de um protocolo pré-elaborado, em que constavam os seguintes tópicos: i) tempo de duração; ii) responsável pela postagem; iii) data da postagem; iv) total de visualizações; v) profissionais responsáveis pela apresentação; vi) e conteúdo apresentado.

O Quadro 1, a seguir, apresenta os dez vídeos mais visualizados, assim como a data/ano de publicação, o tempo de duração e o número de visualizações.

Quadro 1 - Vídeos mais visualizados

	Título do Vídeo	Data/Ano	Duração	Visualizações
1º	Dislexia causa dificuldade para ler, escrever e entender textos Canal: Dislexia causa dificuldade para ler, escrever e entender textos - YouTube	8 de mar. 2012	3'15"	333.942
2º	Dicas para trabalhar com crianças com Dislexia Canal: Dicas para trabalhar com crianças com Dislexia 5 Minutos - YouTube	25 de jul. 2017	5'06"	112.097

3º	Aplicativo ajuda aprendizagem e alfabetização de crianças disléxicas Canal: Aplicativo ajuda aprendizagem e alfabetização de crianças disléxicas - YouTube	29 de jul. 2014	3'23"	83.039
4º	Dislexia e Alfabetização: orientações para pais e educadores Canal: Dislexia e Alfabetização: orientações para pais e educadores #dislexia #alfabetização #leitura - YouTube	3 de jan. 2017	39'25"	69.979
5º	Fernando Capovilla: Nenhuma criança deve ser deixada para trás! Canal: http://www.comoeducarseusfilhos.com.br/	5 de out. de 2017	13'30"	15.878
6º	Alfabetização: dislexia, autismo, TDAH, etc Canal: Alfabetização :dislexia, autismo, Tdah, etc - YouTube	20 de mai.2019	3'37"	1.878
7º	A Prática na Alfabetização Canal: A PRÁTICA NA ALFABETIZAÇÃO - YouTube	29 de nov. 2020	32'44"	1.799
8º	Atividades adaptadas - Dislexia Canal: Atividades adaptadas - Dislexia - YouTube	2 de nov. 2019	7'51"	1068
9º	Atividade para crianças em alfabetização com E.V.A (TDAH, dislexia, autismo) Canal: Atividade para crianças em alfabetização com E.V.A (TDAH, dislexia, autismo) - YouTube	22 de nov. 2017	5'29"	743
10º	Jogo de alfabetização - Atividade Remota – AEE Canal: Jogo de alfabetização- atividade remota - AEE - YouTube	28 de jun. 2020	7'32"	271

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Apesar de a busca ter sido referente ao período de 2010 a 2020, os vídeos mais visualizados foram postados somente nos anos de 2012, 2014, 2017, 2019 e 2020. O maior número de postagens, quatro, se deu no ano de 2017. Nos anos de 2019 e 2020, foram postados dois vídeos a cada ano. Em 2012 e 2014, foi postado somente um vídeo a cada ano.

Observamos que não há uma frequência e continuidade na publicação desse material. Percebemos também que o fato de o vídeo ter sido disponibilizado há mais tempo não é fator determinante para um maior número de visualizações. Isso pode ser observado no caso do Vídeo 3, que se encontra disponível desde 2014 e conta com somente 83.039 visualizações, enquanto o Vídeo 2, disponibilizado em 2017, apresenta 112.097 visualizações.

A análise dos dados, apresentada a seguir, se fundamenta em autores do

campo da alfabetização, da formação de professores e nos pressupostos da teoria histórico-cultural.

4. Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada a partir das seguintes categorias pré-definidas: i) tempo de duração dos vídeos; ii) responsáveis pelas postagens dos vídeos e profissionais responsáveis pela apresentação; iii) e conteúdos apresentados.

4.1 Tempo de duração dos vídeos

Observamos que os vídeos selecionados têm como característica comum o fato de serem, em sua maioria, curtos, com menos de dez minutos, conforme o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Tempo de duração dos vídeos

DURAÇÃO	3 min	5 min	7 min	13 min	32 min	39 min
Número de vídeos	3	2	2	1	1	1

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

O Quadro 2 mostra que, dos dez vídeos mais visualizados, apenas três têm duração de mais de dez minutos, com menor número de visualizações. O tempo de duração dos vídeos é coerente com os demais que circulam no ambiente da Internet e que, normalmente, caracterizam-se como vídeos curtos, com tempo que varia entre 7 e 13 minutos (MARANGONI, 2020).

De acordo com Morangoni (2020), com base em Santaella (2007), devido à popularização da Internet, somos expostos, cada vez mais, a novos tipos de leitura, que apresentam novos signos, por meio de novos suportes, como *tablets*, *smartphones*, *kindles*, entre outros. Desse modo, a tecnologia possibilita maior interatividade do leitor, que também passa a ter maior poder de decisão quanto aos caminhos a seguir.

Surge um novo tipo de leitor, o leitor **imersivo**, um leitor virtual que, além da rapidez e das novas formas de linguagens verbais e não verbais, pode tomar decisões quanto ao caminho a ser seguido na leitura. Esse novo tipo de leitor, “é curioso, navega no ciberespaço como um pesquisador, filtrando informações e percorrendo caminhos diferentes através de cliques de mouses”

(MORANGONI, 2020, p. 28). Assim, inferimos que, do mesmo modo, o professor que pesquisa vídeos no YouTube a respeito da alfabetização de crianças com dislexia, como os demais usuários, é, geralmente, um leitor **imersivo**. Ao acessar os vídeos, ele adentra a possibilidade de navegar por diversos outros *links*, incorporados a *blogs*, redes sociais e *sites* que apresentam sugestões de novos vídeos relacionados ao tema.

Uma das consequências desse tipo de leitura é que, por serem vídeos de curta duração, que possibilitam inúmeras novas conexões, instintivamente, são absorvidos e compreendidos muitos elementos, mas sem uma maior elaboração ou entendimento mais apurado. Consequentemente, informações importantes podem passar despercebidas (MORANGONI, 2020). Tal característica nem sempre contribui, de fato, para a prática pedagógica, que exige conhecimento fundamentado a respeito do conteúdo a ser trabalhado, exigência que se torna ainda mais importante quando se trata da alfabetização, mais ainda por se tratar da alfabetização de crianças com dislexia.

No caso dos vídeos analisados, observamos que os três mais assistidos apresentam tempo de duração igual ou inferior a 5 minutos (Quadro 1). Isso denota que, ao buscá-los, os professores procuram por informações rápidas e pontuais, que respondam às necessidades de planejamento e desenvolvimento de forma rápida, que atendam às expectativas e necessidades momentâneas.

4.2 Responsáveis pelas produções e profissionais responsáveis pela apresentação

A publicação de vídeos no *YouTube* deve respeitar as regras quanto ao teor de seus conteúdos, encontradas nas diretrizes da comunidade¹. Essas regras indicam que não são permitidos conteúdos considerados inadequados e buscam o bom senso e responsabilidade dos criadores dos vídeos quanto ao que é publicado. O controle sobre esse conteúdo, em um primeiro momento, é dos próprios responsáveis pela publicação, que podem autocertificar-se.

Desse modo, o *YouTube* se apresenta como um espaço livre, em que cada pessoa ou organização pode ser proprietária de um canal, sem dispender de recursos financeiros para isso. Em consequência, disponibiliza tanto

¹ Diretrizes de conteúdo adequado para publicidade são encontradas no seguinte endereço eletrônico: [diretrizes de conteúdo adequado para publicidade - ajuda do *YouTube* \(google.com\)](https://www.youtube.com/help/community-guidelines).

produções amadoras quanto profissionais. No entanto, não há, nenhum tipo de regulação com relação à qualidade pedagógica dos vídeos apresentados ou à veracidade e cientificidade das informações publicadas. Assim, a dificuldade que se coloca ao professor é filtrar e selecionar o material disponível (MORANGONI, 2020).

Diante disso, buscamos identificar quem são os responsáveis pelos canais e quais são os profissionais que atuam nos vídeos publicados no YouTube, a respeito da alfabetização de crianças com dislexia. A análise dos dados possibilitou organizar os responsáveis pelos vídeos em torno de seis grupos de interesse principais: i) canais ligados a site de saúde e bem-estar; ii) canais ligados à instituições; iii) canais ligados a consultórios médicos; iv) canais de atendimento psicopedagógico; v) canais de atendimento educacional; vi) e vídeo publicado por rede de TV.

A seguir, no Quadro 3, Cada grupo de interesse é apresentado com um breve detalhamento sobre o que os vídeos de grupo abordam.

Quadro 3 - Caracterização dos responsáveis pelos vídeos

GRUPO DE INTERESSE	RESPONSÁVEL PELO CANAL/CONTEÚDO APRESENTADO SOBRE ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM DISLEXIA
i) Site de saúde e bem-estar: O canal trata de diversos temas como hábitos alimentares saudáveis, dicas para emagrecer, prevenção de doenças, entre outros ligados a questões de saúde.	Responsável: Minha Vida Título do vídeo: <i>Dislexia causa dificuldade para ler, escrever e entender textos</i>
ii) Canais ligados a instituições: Os canais compartilham conhecimentos sobre aprendizagem, desenvolvimento e comportamento de crianças e adolescentes. Se autoidentificam como portadores de fundamentação teórica profunda, com aplicabilidade prática. São apresentados por profissionais especializados em suas áreas.	Responsável: Instituto NeuroSaber Título do vídeo: <i>Dicas para trabalhar com crianças com dislexia</i>
	Responsável pelo canal: Educação do Ser – EduSER 5.0 Título do vídeo: <i>A prática na alfabetização</i>
iii) Canais ligados a consultórios médicos: Os canais compartilham orientações bastante diversificadas, que vão desde vídeos sobre neurologia, psiquiatria, neurociências, até orientações sobre educar os filhos, yoga, como tratar da ansiedade e <i>stress</i> , entre outros.	Responsável pelo canal: Neuropsiquiatria- Neurologia- Psiquiatria Título do vídeo: <i>Dislexia e alfabetização: orientações para pais e educadores</i>
	Responsável pelo canal: Blog Como Educar seus Filhos Título do vídeo: <i>Fernando Capovilla: Nenhuma criança deve ser deixada para trás!</i>

iv) Canais de atendimento psicopedagógico: Os canais compartilham atividades interativas e lúdicas adaptadas para a alfabetização de crianças com dislexia, TDAH, autismo, Síndrome de Down e outros transtornos de aprendizagem.	Responsável pelo canal: Psicopar Desenvolvendo Habilidades Título do vídeo: <i>Atividades adaptadas - Dislexia</i>
	Responsável pelo canal: Ganhe sempre mais: repensando a psicopedagogia Título do vídeo: <i>Atividade para crianças em alfabetização com E.V.A². (TDAH, dislexia, autismo)</i>
v) Canais de atendimento educacional: Os canais apresentam sugestões de atividades lúdicas para serem realizadas com crianças em processo de alfabetização.	Responsável pelo canal: professora Silvana Carpejani Título do vídeo: <i>Alfabetização: dislexia, autismo, TDAH etc.</i>
	Responsável pelo canal: professora Lucélia Ramos Título do vídeo: <i>Jogo de alfabetização-atividade remota – AEE</i>
vi) Vídeo publicado por rede de TV: A rede de TV oferece uma programação com entretenimento, esporte e informações.	Responsável pelo canal: Band Amazonas Título do vídeo: <i>Aplicativo ajuda aprendizagem e alfabetização de crianças disléxicas</i>

Fonte: Organizado pelas pesquisadoras (2021)

Observamos que os interesses de quem disponibiliza os canais são os mais diversos. Vão desde divulgar o trabalho de consultórios médicos, atendimento psicopedagógico, até sugestões pedagógicas. Do mesmo modo, os profissionais que atuam como apresentadores provêm de diversas áreas, como pode ser observado no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 - Profissionais que apresentam os vídeos

PROFISSIONAIS QUE APRESENTAM OS VIDEOS			
Área profissional	Profissionais	Quantidade de profissionais	Total
Saúde	Médico Pediatra/Neuropediatria	1	4
	Médico Neurologista/Psiquiatra	1	
	Psiquiatra	2	
Pedagogia	Professora Pedagoga	1	3
	Professora Pedagoga/ formação em artes e Especialização em Inclusão	1	
	Professora Doutora em Educação	1	

² Etil Vinil Acetato é aquela borracha não tóxica que pode ser, e é, aplicada em diversas atividades artesanais.

Psicopedagogia	Pedagoga/Psicopedagoga	1	3
	Psicopedagogas	2	
Jornalismo	Jornalista (Apresentador)	2	2
TOTAL		12	12

Fonte: Organizado pelas pesquisadoras (2021)

Os responsáveis pela apresentação dos vídeos são doze profissionais. Desses, quatro atuam na área da saúde, três da psicopedagogia, três na pedagogia e dois são apresentadores de TV. Desse modo, a área de atuação da maioria dos profissionais é a da saúde, uma vez que a psicopedagogia, de acordo com o dicionário Aulete Digital³, é o “ramo da pedagogia voltado para a aplicação dos resultados da psicologia da aprendizagem a métodos e práticas pedagógicos; psicologia da educação”. Ou seja, também está ligada à área da saúde.

Quanto aos dois apresentadores de TV, um é da área do jornalismo e apenas apresenta entrevistas que envolvem pessoas e profissionais que contribuem para a discussão sobre o assunto por serem da área da saúde (fonoaudiologia, neurologia e neuropsicologia, entre outros). O outro é apresentador de jornalismo e aparece no canal do YouTube compartilhando a notícia da criação de um aplicativo voltado para a alfabetização de pessoas com dislexia.

Chama a atenção que o vídeo com maior número de visualizações é o do canal Minha Vida, um site de saúde e bem-estar. O canal trata de temas relacionados a hábitos alimentares saudáveis, dá dicas para emagrecer, para a prevenção de doenças, entre outros ligados a questões de saúde. Dentre esses assuntos, um deles apresenta o título, *Dislexia causa dificuldade para ler, escrever e entender textos*, e se destina à alfabetização de crianças com dislexia. O vídeo apresenta 333.942 visualizações, 221.845 a mais do que o segundo com maior número, que obteve 112.097 visualizações.

³ Disponível em: Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de psicopedagogia.

4.3 Conteúdos sobre a alfabetização de crianças com dislexia apresentados por meio dos vídeos do YouTube

A análise dos vídeos possibilita organizar os conteúdos apresentados em torno de dois aspectos principais: i) o que é dislexia e como identificar e ii) o que e como trabalhar na alfabetização com crianças com dislexia. É importante destacar que, por vezes, os dois aspectos são tratados ao mesmo tempo, pelo mesmo vídeo.

4.3.1 O que é dislexia e como identificar

Os vídeos que abordam **o que é dislexia e como identificar**, a apresentam **como um transtorno do processo cognitivo das crianças que compromete a aprendizagem e a capacidade da leitura e escrita**. Explicam que estudantes com dislexia encontram dificuldades na identificação das letras, para relacionar letras aos seus sons e demoram mais para aprender a ler e escrever. Em consequência, as crianças também encontram dificuldades na produção de textos e na interpretação.

Os vídeos que abordam esses aspectos, são apresentados por profissionais da da psicopedagogia, neurologia, psiquiatria e fonoaudiologia . Chama a atenção que, apesar de serem apresentados por profissionais da área da saúde, são acompanhados por dicas e sugestões pedagógicas, em que indicam como os professores devem conduzir o trabalho didático na alfabetização, como apresentado a seguir.

4.3.2 O que e como trabalhar na alfabetização de crianças com dislexia

A maioria dos vídeos analisados são direcionados ao como alfabetizar e ao que precisa ser trabalhado nesse processo. Apresentam conteúdos com sugestões de atividades e como as colocar em prática, indicando que sejam desenvolvidas atividades que possibilitem, especialmente, a identificação de sons, a memorização de letras e o trabalho com palavras e textos.

Em sua maioria, apresentam um passo a passo das atividades a desenvolver. As sugestões de atividades apresentadas podem ser organizadas em torno de quatro grupos: i) jogos físicos; ii) jogos *on-line*/aplicativos; iii) atividades envolvendo palavras e textos; iv) e atividades envolvendo emissões sonoras. Apresentamos, a seguir, de forma sintetizada, o conteúdo de cada um

deles.

- Jogos físicos: jogo dos 7 erros, Onde está Wally? e Papa Sílabas (jogo em EVA).
- Jogos *on-line*/aplicativos: Aplicativo PEAK4, Duolingo, Domlexia e Jogo de alfabetização - atividade remota – AEE⁴ (elaborado por estudante de engenharia).
- Atividades envolvendo palavras e textos: atividade de completar palavras compostas por sílabas simples, com vogais, a partir de imagens, usando letras móveis; atividade de marcar espaços entre as palavras no texto; produzir textos orais a partir de imagens; e leitura de palavras em fichas.
- Atividades envolvendo emissões sonoras: pronunciar cada letra, observando o movimento da boca em frente a um espelho, músicas e rimas.

As atividades são apresentadas, geralmente, acompanhadas da orientação de que devem ser lúdicas, para provocar o interesse da criança com dislexia e **prender a sua atenção**. Ocorre que o desenvolvimento de atividades com essas características é necessário para a alfabetização de todas as crianças. É muito importante que, durante o processo de alfabetização, sejam desenvolvidos jogos (físicos/*on-line*), a análise de palavras e textos, a produção de textos orais e escritos, atividades que possibilitem o desenvolvimento da consciência fonológica e a identificação das letras e seus sons, com todas as crianças em processo, e não somente com as que apresentam dislexia.

Chama a atenção o modo como essas atividades são exibidas em alguns vídeos. O jogo Papa Sílabas (em EVA), publicado pelo canal Ganhe Sempre Mais, enfatiza o processo de confecção do jogo, destacando os materiais a utilizar e o passo a passo para a confecção. Ao tratar do jogo, explica que o adulto deve pedir para a criança pegar determinadas sílabas e colocar dentro da boca do Papa Sílabas. No entanto, a pessoa que apresenta desconsidera o fato de que a criança pode não identificar nem mesmo as letras e terá dificuldades para entender o que são sílabas, uma vez que esse conhecimento exige o desenvolvimento da consciência fonêmica. Entretanto, essas questões não são refletidas, sequer são mencionadas, na apresentação.

⁴ Atendimento Educacional Especializado

Do mesmo modo, a atividade de completar palavras simples com vogais, usando o alfabeto móvel, não considera que nem sempre são as vogais as letras desconhecidas. Na alfabetização, é importante identificar os conhecimentos que a criança já elaborou, para que a atividade seja adequada às suas necessidades.

Enquanto a apresentadora fala sobre a atividade, aparecem no vídeo mensagens dizendo que se está trabalhando com antecipação visual, persistência, formação de palavras, compreensão, consoantes, vogais, observação e a consciência fonológica. No entanto, nenhuma dessas questões é explorada.

Situação parecida acontece com o jogo Domlexia. O jogo, disponível em aplicativo, incentiva a criança a identificar letras, sons iniciais das palavras e vogais, de forma lúdica e interativa. Essas atividades auxiliam o desenvolvimento da consciência fonológica, importante para a alfabetização. Entretanto, esse aspecto não é explorado no vídeo. Ao invés disso, são apresentadas questões de apelo emocional em relação às reações do personagem, que fica triste ou alegre, quando a criança erra ou acerta.

Diante das informações apresentadas, explicita-se que o conteúdo sobre as possibilidades de atividades a serem desenvolvidas, apresentado nos vídeos, aborda questões relacionadas ao conhecimento das letras, os sons que produzem, sílabas e a relação grafema-fonema que a criança precisa aprender a fazer durante o processo de alfabetização. Essa é uma importante dimensão do processo de alfabetização. Soares (2003), explica que uma das “facetas” importantes, diz respeito à identificação da relação fonema-grafema (consciência fonêmica) e precisa ser trabalhada de forma direta e sistematizada, fazendo com que a criança desenvolva habilidades para ler e escrever, percebendo que podemos grafar a parte sonora da nossa fala. Nos vídeos, isso é realizado de modo superficial e, em alguns casos, incorretamente, o que pode levar o professor a posicionamentos equivocados no processo de alfabetização das crianças com dislexia, dificultando-o, ao invés de contribuir.

Por outro lado, apesar de sua importância, a dimensão da consciência fonológica não é a única que precisa ser trabalhada. Smolka (1999, p. 63), explica que é fundamental, no processo de alfabetização, a “interação e a interdiscursividade”, que inclui “[...] o aspecto fundamentalmente social das condições e do funcionamento da escrita (para que, para quem, onde, como, por quê). A autora também destaca a necessidade de entender a atividade mental da criança no processo de alfabetização, não apenas como atividade cognitiva, no sentido piagetiano, mas

como atividade discursiva, que possibilita a elaboração conceitual pela palavra.

Desse modo, a função interativa, constituidora do conhecimento na/pela escrita, ganha força, explicitando que compreender a alfabetização como processo discursivo é imprescindível. De acordo com Smolka (1999, p. 63),

[...] a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita. (Mas, esse aprender significa fazer, usar, praticar, conhecer. Enquanto escreve, a criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita).

Nesse processo, o papel do professor como mediador e organizador do processo de aprendizagem é fundamental, uma vez que numa atividade coletiva ou sob a orientação do adulto, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas (VIGOTSKI, 1999). Portanto, o desenvolvimento no contexto da sala de aula de alfabetização de situações que favoreçam a aprendizagem potencializam a elaboração de conhecimentos. Segundo Vigotski (1999, p. 118),

Aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

No caso da alfabetização, ao assumir o papel de mediador que provoca a interação entre os sujeitos e desses com a linguagem escrita como objeto de conhecimento, o professor favorece a aprendizagem e potencializa, intencionalmente, a apropriação da linguagem escrita pelas crianças, independentemente de ela apresentar diagnóstico de dislexia.

Entendemos, a partir dos dados analisados, que a busca dos professores por esses vídeos se deve à necessidade de respostas sobre como desenvolver na prática as atividades de alfabetização com crianças com dislexia. No entanto, apesar de algumas atividades apresentadas serem interessantes, a ausência de uma compreensão do processo de alfabetização, de forma mais ampla e aprofundada, faz com que questões importantes sejam desconsideradas. Por exemplo, o fato de que, na sala de aula, o professor não está diante apenas de uma criança, e sim de um grupo de crianças, cada qual apresentando características diferenciadas, o que faz com que as turmas sejam heterogêneas.

Quando há uma compreensão por parte do professor a respeito da importância de organizar situações de interação entre os sujeitos com diferentes

vivências, as possibilidades de aprendizagem se ampliam. Além disso, atividades realizadas de forma isolada e sem uma continuidade e frequência podem resultar em um momento divertido, mas não asseguram a elaboração de conhecimentos.

5. Considerações finais

O objetivo que orientou o desenvolvimento desta pesquisa foi desvelar as características dos vídeos sobre alfabetização para crianças com dislexia, veiculados em vídeos no canal YouTube, destinados ao público docente. Para tanto, a partir dos dez vídeos mais assistidos no período entre 2010 e 2020, realizamos um processo de análise cuidadosa, buscando, organizando e analisando informações a respeito desse material. Explicitou-se a frequência das publicações, o tempo dos vídeos, os responsáveis pelos canais e seus apresentadores e os conteúdos compartilhados.

A análise possibilitou revelar que o conteúdo veiculado, geralmente, é apresentado por profissionais da saúde, que, ao abordar a alfabetização dessas crianças, acabam reforçando ideias de treinamento e repetição na alfabetização, indicando, em geral, o método fônico.

No que diz respeito aos conteúdos apresentados sobre o que trabalhar e como realizar as atividades, os vídeos enfocam a dimensão fonológica da alfabetização e reforçam o entendimento de que o uso do método fônico é o mais adequado. Por outro lado, ao apresentarem possíveis atividades e como as desenvolver, o fazem de forma superficial e, por vezes, incorreta, o que pode ocasionar equívocos no modo como a alfabetização é trabalhada.

Diante do estudo realizado, consideramos importante ressaltar que as crianças com dislexia precisam de um olhar atento dos professores, tanto com relação ao que a caracteriza, quanto ao que se entende sobre o processo de alfabetização. Nesse caso, as atividades, em muitas situações, precisam passar por adequações e serem realizadas de forma individualizada e mais direcionada à criança, para que determinadas aprendizagens aconteçam. Isso não exclui a importância da interação com os demais e o trabalho com as outras dimensões do processo de alfabetização, especialmente, a dimensão discursiva que possibilita a constituição do sentido que ler e escrever têm como prática social.

Nesse processo, são fundamentais a intencionalidade das ações

desenvolvidas, os conhecimentos que o professor possui sobre esse processo e o seu olhar para a criança. Isto é, que ele entenda que sua aprendizagem é possível. O pressuposto de que todos os seres humanos aprendem, dependendo das condições em que o processo de ensino aprendizagem acontece, é ponto de partida.

Com relação à busca pelos vídeos, como se trata de um processo de educação informal, os critérios para a seleção são do próprio professor e decorrentes dos conhecimentos organizados durante seu percurso profissional. Portanto, quanto mais fundamentada for sua ação pedagógica, maior será a clareza da intencionalidade de suas opções, levando a um posicionamento criterioso e crítico com relação às escolhas que faz.

Referências bibliográficas

ANDRADE, I. *A prática na alfabetização*. Canal Educação do Ser- EduSER 5.0, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I-Le9b42heU>. Acesso em: 23 mar. 2021.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DISLEXIA – IDA. *Guia sobre a dislexia: o que toda a família deveria saber*. Florianópolis: Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva e Escolar – LANCE, UFSC, 2020.

BAND, Amazonas. *Aplicativo ajuda aprendizagem e alfabetização de crianças disléxicas*. BAND, Amazonas, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GN07OPGEb9E&t=8s>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BERNARDES, S. *Atividades para crianças em alfabetização com E.V.A. (TDHA, dislexia, autismo)*. Canal Ganhe sempre mais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IY5I5Rg03sw&t=4s>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BURGESS, J.; GREEN J. *YouTube e a revolução digital como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. *Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca: Ministério da Educação, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Dislexia*. Brasília: Ministério da Educação, 2016a.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Dislexia*. Brasília: Ministério da Saúde, 2016b.

BRITES, L. Dicas para trabalhar com crianças com Dislexia Canal NeuroSaber, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ly5l5Rg03sw&t=4s> Acesso em: 23 mar .2021.

CARPEJANI, S. Alfabetização: dislexia, autismo, TDAH, etc. Canal Silva Carpejani, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTNHo7K5fqc>. Acesso em: 23 mar. 2021.

CASTELON, E. Dislexia e alfabetização: orientações para pais e educadores. Canal Neuropsiquiatria-Neurologia-Psiquiatria, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ElisabeteCastelon>. Acesso em: 23 mar .2021.

COSTA, M. T. M. S; SILVA, D. N. H. O corpo que escreve: considerações conceituais sobre a aquisição da escrita. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n. 1, p. 55-62, 2012.

FARRELL, M. *Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CAPOVILLA, F. Nenhuma criança deve ser deixada para trás! Canal Como Educar seus Filhos, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1UMRKRSDrI>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, v. 14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

MARANGONI, J.C. *O papel do YouTuber como incentivador de novos modelos de leitura e produções audiovisuais na escola*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho (Unimove), São Paulo, 2020.

Disponível em:

<http://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2375/2/J%C3%BAlio%20C%C3%A9sar%20Marangoni.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2021.

OLIVEIRA, P. *Retratos da dislexia no Brasil: análise bibliográfica do período de 2002 a 2014*.2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos Ufscar, São Carlos-SP, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8593>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PINTO, S. Atividades adaptadas – Dislexia. Canal Psicopar Desenvolvendo Habilidades, 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=gTltWduBx8c&t=25s>. Acesso em: 23 mar.2021.

RAMOS, L. Jogo de alfabetização – Atividade remota – AEE. Canal Professora Lucélia ramos, 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=d2hg1IBVTEg&t=4s>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SALA, D. Dislexia causa dificuldade para ler, escrever e entender textos. Canal Minha vida, 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=HlvDPbsTjCc>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SMOLKA, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 8. ed. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. (Coleção Passando a Limpo)

SOARES, M. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n.25, p.5-17, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2023.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VAILLANT, D. *Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem*. (Orgs) Denise Vaillant, Carlos Marcelo. 1. ed. Curitiba: ED. UTFPR, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.